

VESTIGÍOS DE UMA VOZ: TESTEMUNHO E FICÇÃO EM A COSTA DOS MURMÚRIOS, DE LÍDIA JORGE

MARISEL VALERIO PORTO¹; AULUS MANDAGARÁ MARTINS²

¹Universidade Federal de Pelotas- mariselvalerio@hotmail.com

²Universidade Federal de Pelotas- aulus.mm@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho investiga o teor testemunhal (SELIGMANN-SILVA, 2003) da narrativa *A Costa dos Murmúrios*, da escritora portuguesa Lídia Jorge. Para tanto, conta-se com o aporte teórico do conceito de testemunho para verificar em que medida a narrativa apreende uma determinada experiência em relação à Guerra Colonial moçambicana. O estudo é realizado na área de Literatura Comparada, na linha de pesquisa de Literatura e História.

A reflexão acerca da literatura de testemunho desenvolve-se a partir de dois campos distintos e limitados: o *Testimonio* latino-americano e a literatura da *Shoah* (MARCO, 2004). O debate acerca do *Testimonio* centra-se nas questões concernentes à política e a mediação de um gestor para transpor para o papel a história daquele que tinha a experiência de violência e exclusão; enquanto que nos estudos da *Shoah* vê-se uma acentuada problematização quanto à literalização e a fragmentação com que os discursos testemunhais são constituídos. Em que pese suas diferenças formais, tanto o *testimonio* latino-americano quanto a literatura da *Shoah* colocam em cena um testemunho que recupera, através do relato da experiência, um evento traumático da história do século XX: no primeiro caso, as ditaduras militares que eclodiram a partir na década de 60 em diversos países do continente; no segundo, o Holocausto conduzido pelo regime nazista. Percebe-se que, em ambas as áreas de concentração, o que constitui e move, primordialmente, a construção narrativa testemunhal é a necessidade de contar aos outros as experiências de violência e morte decorrentes de políticas ditatoriais que aniquilaram coletividades de sujeitos. Trata-se de um acerto de contas com a história pela inserção da memória de indivíduos que passaram por uma experiência de catástrofe coletiva.

O testemunho liga-se de maneira inequívoca a uma experiência factual que se desenvolve no plano da história. Paul Ricoeur identifica no testemunho uma “asserção de realidade” decorrente de seu “acoplamento” aos fatos narrados (2010, p.170). Ainda de acordo com Ricoeur, a palavra do testemunho, devido a esse acoplamento, insere-se numa dimensão de “ordem moral” e reivindica para si “credibilidade e confiabilidade” (RICOEUR, 2010, p.174). Tal presunção é, evidentemente, problemática, conforme assinalam, dentre muitos, Paul Ricoeur (2010) e, mais especificamente no que tange ao exemplo do *testimonio* latino-americano, Beatriz Sarlo (2007) e João Camillo Penna (2003).

Os testemunhos de experiências extremas são conhecidos como aqueles que resistem à explicação historiográfica, o arquivamento se torna inapropriado para a inscrição destes testemunhos, uma vez que a experiência a ser comunicada “é a de uma inumanidade sem comparação com a experiência do homem comum” (RICOEUR, 2007, p.186). Dessa forma, a manifestação do testemunho na literatura assegura a inscrição das experiências de violência que não foram contempladas pelo discurso da história. A ficcionalidade ou imaginação

não anula o “teor testemunhal” de uma narrativa; antes, ao contrário, a ficção ou imaginação deve ser entendida “como arma que deve vir em auxílio do simbólico para enfrentar o buraco negro do real do trauma” (SELIGMANN-SILVA, 2008, p.70). Nesse sentido, o testemunho na literatura não apaga a experiência factual relacionada a um evento traumático da história, mas redimensiona-a enquanto manifestação de linguagem simbólica. A realidade a que o testemunho se reporta é a experiência que, pelo trabalho de ficção, ressoa na memória coletiva do evento histórico. A natureza peculiar dessas narrativas comprometidas com o “real” exige um “redimensionamento do conceito de literatura. A relação desse autor com o passado ao qual ele tenta dar uma forma tem o caráter de um compromisso ético” (SELIGMANN-SILVA, 2003, p.382). Esse dado é fundamental na literatura de testemunho, especialmente, se entendermos que esse compromisso está para além da ideia de condição tradicional de testemunho, uma vez que a representação do testemunho não se sustenta apenas pelo signo da relação direta do sujeito testemunhal ao evento a que se refere, mas sim pela forma com que este evento é apreendido e elaborado discursivamente, ou seja, na passagem para o literário.

A relação do sujeito que testemunha com o fato testemunhado estabelece-se pela legitimação do relato como portador da “verdade” acerca do evento narrado, uma verdade que precisa ser restaurada pela narrativa para que a experiência do indivíduo não caia no esquecimento e seja também inscrita na história. A materialidade da narrativa comporta não apenas a experiência individual, mas, principalmente, a experiência alheia, uma vez que o relato do narrador só faz sentido visto sua “faculdade de intercambiar experiências” (BENJAMIN, 1985, p.198). O aspecto da comunicabilidade da experiência é fundamental na categoria do testemunho, uma vez que a experiência relatada representa sua inscrição na temporalidade do presente de maneira comunicável (SARLO, 2007).

O romance *A costa dos murmúrios* pode ser entendido a partir de seu teor testemunhal, uma vez que recupera um evento factual traumático, a Guerra Colonial moçambicana, através de uma voz que promove a emersão de conteúdos e imagens que também fizeram parte da história, mas que não foram contempladas pelos discursos hegemônicos ou oficiais desse evento, textualizados na narrativa, sobretudo, pelas personagens militares. Trata-se de uma narrativa que se constrói no entrecruzamento da literatura e da história (RICOEUR, 2010).

No romance tem-se uma voz narrativa que se manifesta após duas décadas de distanciamento temporal entre aquilo que vivenciou e o momento presente em que se insere. As imagens trazidas pela narradora-personagem promovem um regresso à história que resgata as marcas decorrentes da violência do Estado português durante a Guerra Colonial e a condição de apatia e cumplicidade com que a sociedade reagia diante da conduta discursiva oficial com que Portugal evocava sua imagem de nação imperial (RIBEIRO, 2004). Percebe-se que a narradora-personagem passou por um amadurecimento político, o qual lhe permite reagir diante da tentativa de vinculação de sua experiência factual a um discurso literário que não contempla sua perspectiva no presente sobre as lembranças que tem de seu passado em África. O objetivo do trabalho é investigar a passagem da personagem Evita para Eva Lopo, buscando-se identificar o que leva essa voz narrativa a desenvolver uma perspectiva crítica sobre a política do Estado Novo e sobre uma forma literária que visa representar a história daqueles que viveram a experiência de guerra.

2. MATERIAL E MÉTODOS

O estudo conta com apoio da revisão da fortuna crítica do corpus e da bibliografia teórica, tendo como embasamento os pressupostos da noção de testemunho e de teor testemunhal a partir da perspectiva e prática investigativa dos estudos da Literatura Comparada, com ênfase no entrecruzamento da literatura e da história (RICOEUR).

3. RESULTADOS E DISCUSSÕES

No atual estágio da pesquisa, o trabalho conta com três capítulos em desenvolvimento: o primeiro que trata sobre a fortuna crítica da obra; o segundo voltado para o aporte teórico sobre o entrecruzamento da literatura e da história, bem como as categorias de testemunho e teor testemunhal; e o terceiro centrado na análise do romance.

A pesquisa sobre o estado da arte de *A costa dos murmúrios* motivou a investir-se na continuidade desta proposta investigativa, uma vez que se pode constatar que parte da crítica faz alguma referência à questão do testemunho sem, no entanto, aprofundar-se a ela. A recuperação da relação entre literatura e história fez-se necessária para a apreensão de um percurso teórico que se desloca da tentativa de separação dessas áreas e da postulação de certezas sobre o que compete a cada uma delas para a compreensão de que literatura e história constituem campos do saber interligados que asseguram aos sujeitos meios representacionais para a produção de sentido sobre o passado.

Ainda neste capítulo, fez-se necessário discorrer sobre o papel que o testemunho desempenha nas relações sociais e na construção de conhecimento sobre o passado e sobre a dificuldade de inscrição dos testemunhos de experiências extremas nos registros da história e sua posterior manifestação na literatura. A análise do romance desenvolve-se pela busca de alguns dos elementos responsáveis pela passagem de Evita a Eva Lopo, leva-se em consideração que Evita está circunscrita a um contexto de repressão e censura enquanto Eva Lopo encontra-se num contexto político de democratização. Aponta-se o comprometimento ético dessa voz em recuperar, de forma autoproblematizante, uma história que não foi contemplada pelos discursos hegemônicos sobre a Guerra Colonial em Moçambique.

4. CONCLUSÕES

Até o presente momento pode-se apontar que a passagem de Evita para Eva é motivada por um processo de conscientização de vetor político e ético que se inicia a partir de uma experiência factual e se desenvolve e se intensifica num espaço temporal que compreende uma mudança no cenário político e social da narrativa. A voz da narradora-personagem compartilha uma experiência traumática em que figura a execução de membros da população civil moçambicana por militares portugueses. A ficcionalidade do testemunho elabora o sentimento de perda humana coletiva, diante da conversão de sujeitos portugueses em agentes de massacres, e atua no enfrentamento aos discursos que tentam encobrir essa realidade.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BENJAMIN, Walter. O narrador. **Magia e técnica, arte e política**. Trad. Sergio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1985.

JORGE, Lídia. **A Costa dos Murmúrios**. Lisboa: Dom Quixote, 1988.

MARCO, Valéria. **A Literatura de Testemunho e a Violência de Estado**. In: *Lua Nova*, 62, 2004 (45-68).

PENNA, João Camillo. Este corpo, esta dor, esta fome: notas sobre o testemunho hispano- americano. In: SELIGMANN- SILVA, Márcio. (Org.) **História, memória, literatura: o Testemunho na Era das Catástrofes**. Campinas, SP: Unicamp, 2003.

RIBEIRO, Margarida Calafate. **Uma História de Regressos: Império, Guerra Colonial e Pós- Colonialismo**. Porto: Edições Afrontamento, 2004.

RICOEUR, Paul. O entrecruzamento da história e da ficção. **Tempo e narrativa**. Trad. Claudia Berliner. São Paulo: Martins Fontes, 2010 (v.3 p.310-323).

RICOEUR, Paul. O testemunho. **A memória, a história, o esquecimento**. Trad. Alain François et al. Campinas, SP: UNICAMP, 2007 (p.170-176).

SARLO, Beatriz. **Tempo passado**. Cultura da memória e guinada subjetiva. São Paulo; Belo Horizonte: Companhia das Letras/Ed. UFMG, 2007.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. (org.) **História, memória, literatura: O Testemunho na Era das Catástrofes**. Campinas, São Paulo: Unicamp, 2003.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. Narrar o trauma: **A questão dos testemunhos de catástrofes históricas**. In: *Psic. Clin.* Rio de Janeiro, 2008 (65-82). Acesso em: 14 dezembro 2011. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/pc/v20n1/05.pdf>>.